

TUDO QUE TEM NA TERRA TEM NO MAR. A CLASSIFICAÇÃO DOS SERES VIVOS ENTRE OS TRABALHADORES DA PESCA EM PIRATININGA – RJ

Gláucia Oliveira da Silva

Universidade Federal do Rio de Janeiro

O TRABALHO OBJETIVA o estudo da lógica subjacente as classificações naturais, mais especificamente dos seres vivos, elaboradas por pescadores, na localidade de Piratininga, praia do Município de Niterói. Para tanto, foi mantido contato com o grupo durante aproximadamente 18 meses, dois dos quais com fixação no local.

São aproximadamente oitenta pescadores que ali vivem, morando próximo à praia ou à beira da lagoa. São todos “pequenos” pescadores, no sentido de não haver proprietários que detenham muitas e/ou grandes embarcações; boa parte deles possui sua própria canoa, que pode ser adaptada à pesca na *lagoa* (tipo de pescaria considerada por eles menos arriscada e que traz a vantagem de poder contar com a participação efetiva das esposas) ou no mar, que exige uma canoa maior – com cerca de vinte metros – geralmente motorizada.

A modalidade de pesca de mar mais comum no local é o lanço à sorte. A canoa entra no mar e a rede é lançada onde o mestre determine, ao contrário do arrasto com vigia, que exige que um companheiro fique em terra espreitando o peixe.

A partilha do que é conseguido na pescaria é feita de acordo com a função de cada um dos que participam da companhia (associação dos pescadores em torno do objetivo comum: a pesca).

Um problema vem afetando os pescadores da lagoa, que no passado já foi muito piscosa (havia tanta pesca lá como no mar): o processo de assoreamento que, hoje em dia,

impede a manutenção da vida lacustre. Se as providências reclamadas pelos pescadores – dragagem do *lixo* acumulado e abertura de um canal para a entrada da água do mar em lugar determinado – não forem tomadas, a lagoa desaparecerá em pouco tempo. Aqueles que pescam somente em lagoa têm se limitado a jogar suas redes e puçás em busca de *camarão* e *siri* no Canal de Camboínhas – que liga essa lagoa à de Itaipu – ou a irem até Itaipu.

Os informantes freqüentemente referiam-se às suas vidas ressaltando os seus aspectos de *luta* e *sofrimento*, resultantes de um constante lidar com as adversidades. Estas, são vistas como conseqüências do embate travado entre o pescador e todos os fatores por ele concebidos como incontroláveis, que permeiam os mundos do mar e do seco, quando estes se articulam na vida da pessoa. Essa imprevisibilidade é um constante desafio à sobrevivência no mar e no seco, na luta por matar o peixe, enfrentar *ventos* e as imposições de um “mercado”, onde a competição se dá entre partes tão desiguais que se confrontam.

A condição de “pequenos produtores de pescado”, sobretudo em Piratininga, onde a “morte” da lagoa inviabiliza o trabalho de vários pescadores, aponta para a “marginalidade”. Ignorados pelas instituições assistenciais e normativas da profissão e concorrendo com as *traineiras* de outras praias, que obtêm uma quantidade de peixe bem superior às canoas por eles usadas, ficam em desvantagem com relação aos compradores de seu produto, geralmente donos de peixaria. O preço oferecido por estes é estabelecido a partir da consideração de se as peixarias locais estão ou não abastecidas. Em caso positivo, o preço proposto é muito baixo, o que é considerado pelos pescadores como roubo. A situação de se verem *roubados*, vendendo o peixe por uma quantia inferior à esperada não é rara e, se pressupõem dificuldades de venda, alguns pescadores preferem não sair para pescar.

Outro indicador da precária condição social é a atuação da Colônia, que, relaxando a vigilância, principalmente na lagoa, abre espaço para competição do produto por verdadeiros e falsos pescadores, aumentando a dificuldade da sobrevivência.

Os pescadores notam as mudanças no âmbito do processo de trabalho e também em relação ao *lugar*, que, porém, não tem para eles apenas a conotação de espaço físico onde se vive: é também percebido como “anfitrião” que pode ou não ocasionar o bem-estar aos seus “hóspedes/habitantes”. Há discursos que revelam gratidão por Piratininga, um lugar ainda bom de viver. Mas a presença de mudança na frase e suas narrativas talvez indiquem a iminência de se tornar um local onde a reprodução social desses “pequenos” pescadores esteja cada vez mais questionada, em virtude dos diversos obstáculos. Para analisar as formulações relativas ao objeto central do trabalho, foram considerados os conceitos concernentes ao que se permitiu rotular “classificações nativas” enquanto expressões de uma lógica de ordenação, magistralmente explicitada por Lévi-Strauss

(1978) e conhecida por totemismo, uma das possíveis revelações do “pensamento selvagem”, alternativa “cognitiva” para a compreensão do universo.

As noções “selvagens” constituem um tipo de classificação que estabelece códigos que correlacionam metafórica, metonímica e analogicamente, cultura e natureza, de maneira que ambos os domínios, de ordens de grandezas distintas, podem ganhar vínculos

“mágicos” de comunicabilidade e relações de interferência recíproca. Se tais vínculos vêm aproximar as duas instâncias é porque são concebidas distintamente e, no momento em que se distinguem e inter-relacionam, se constituem e se conformam.

O “pensamento selvagem” encontra pontos de contato com a taxonomia das Ciências Biológicas mas, talvez, o mais significativo seja o fato de estarem respondendo justamente à mesma “exigência de ordem” de que fala Lévi-Strauss (1978), inerente a todas as configurações culturais; um outro aspecto é o de se conformar a uma intenção estética.

Na medida em que o fenômeno do totemismo compreende uma lógica, que permite o movimento de aproximação – sobretudo analógica – entre natureza e cultura, criando distinções internas à sociedade e também elaborando limites entre ambos os domínios, permite a instauração de uma concepção do universo que se pode chamar “holista”, para usar um termo caro a Dumont (1966). E uma vez que, como esse autor observou, Lévi-Strauss (1978), ao contrário dele próprio, não abordou a temática da hierarquia, parece especialmente frutífero recorrer a ambos na análise das categorias que integram o corpo da visão de mundo dos pescadores de Piratininga, concernentes às representações naturais, que reservam relações “hierarquizadas”, segundo uma coerência bem próxima àquela discutida por Dumont (1966).

Foi a partir da ótica até aqui exposta que se abordou o tema central do trabalho, organizado em três capítulos: no primeiro, estabeleceu-se uma discussão em torno da categoria *natureza*, incluindo seus atributos, inter-relações, os dois grandes complexos em que se subdivide o *mar* e o *seco* –, buscando delimitar a especificidade do vivo no contexto; no segundo, foram analisados os conceitos mais estritamente ligados à ordenação dos *seres vivos*, isto é, “vegetais” e “animais vertebrados”, ressaltando sua lógica específica; e no terceiro, foram expostas as principais idéias que fundamentam a taxonomia biológica, atualmente e numa perspectiva histórica, seguindo-se uma comparação entre os princípios mais gerais norteadores das visões “científica” e “nativa”. Na conclusão do trabalho faz-se uma breve recapitulação do que foi discutido ao longo dos capítulos.

Com relação às formulações sobre natureza, seus fenômenos podem ser entendidos pelos pescadores entrevistados como um instrumento da vontade divina, atuando em um plano, segundo as determinações de outro, vinculando, assim, sobrenatureza e sociedade. Em outros contextos, pode ser percebido como a dimensão sagrada, propriamente dita, apresenta atributos que apenas Deus deve encerrar. A força, a perfeição e a pureza são características essenciais da natureza, na medida em que são divinas, mas pertencerão parcialmente aos homens que podem expressar sua força física no trabalho como os peixes, os ventos, as chuvas e as correntezas marinhas, ou, através de sua arte, exibir a força criadora, como o mar que abriga uma grande quantidade de peixes e outras formas vivas, ou, ainda, como o mato e a terra onde crescem tantos vegetais. Mas somente a natureza desfruta do controle da força cósmica, como a lunar e a força dos meses, sobre a qual o homem deve se limitar a observar, mas jamais desvendar seus mistérios. Podem também os seres humanos tentar influenciar seus próprios destinos através da reza e da fé, meios de se chegar a Deus para que ele se sensibilize frente aos sofrimentos dos pescadores.

A recorrência às manifestações naturais evidencia sua pureza. As fases da Lua, as marés, as estações do ano, as fases da vida dos peixes, os ventos e as chuvas têm uma recorrência que constitui o parâmetro dos pescadores embarcados e em terra, para que saibam quando e como sair para o mar. Entretanto, o peixe pode não ser encontrado e todo o esforço foi em vão, todo o conhecimento não foi suficiente frente às misteriosas disposições de Deus. Toda a natureza tem o seu ciclo, mas o pescador nem sempre pode completar no seu cotidiano as etapas que gostaria de cumprir e então ter fartura, pois, ao seguir em sua embarcação à procura de peixe, cumpre um ciclo imprevisível. A faceta ingrata da vida de pesca, a imprevisibilidade determinada pelo comportamento dos caprichosos peixes (a serviço de uma instância maior) ou do mercado que, imperfeito como muitas realizações sociais, desfavorece os pequenos produtores do pescado.

A tradição do pescador é o que ele pode manifestar de puro, de natural, como se o hábito preservado repetisse a natureza e dela resultasse a sociedade. Portanto, o movimento que caracteriza a natureza viva deve estar presente no social, mas igualmente na sua forma pura, isto é, cíclica. O imprevisto traz mais suor, mais labor, risco e, no caso mais extremo, a ameaça da vida, que no seco surge com a mudança. O movimento da mudança apresenta uma forte conotação de antívida, pois é visto por um lado como um atentado à natureza que modifica seus ciclos e enfraquece sua força, além da “morte” da lagoa; por outro lado, um atentado às tradições reveladoras da pureza social.

A perfeição é um atributo natural que vem ressaltar a adequação da existência de cada ser natural, pois cada um tem uma finalidade, mesmo que desconhecida pelos homens, isto é, mesmo que não se tenha o conhecimento a respeito de seu uso imediato, o cumprimento de uma satisfação divina é o bastante para legitimá-la. Os seres humanos podem compartilhar da perfeição divina ao realizarem suas obrigações para com família e os companheiros, preservando um comportamento adequado, ou seja, socialmente esperado.

Os pescadores, como descrito anteriormente, compreendem a natureza em dois grandes mundos: o do mar e o da terra. A diferenciação entre esses universos constitui uma importante base de classificação, uma vez que animais e plantas são pensados e ordenados segundo o fato de pertencerem a um ou outro domínio. Os que vivem em terra são percebidos numa relação de contigüidade com os pescadores e são ordenados segundo critérios de proximidade social, utilidade, nocividade e humanidade. Aqueles que habitam o mar são vinculados ao seco por relações analógicas, de modo que esse mundo é percebido como uma imitação da terra, o que é reforçada pela semelhança de formas existentes entre os seres dos dois “reinos”.

Os peixes possuem lugar de destaque na classificação nativa, pois constituem a classe mais exaustivamente ordenada, com categorias construídas sobre critérios estéticos e etológicos. Essa deferência aos peixes fica bem nítida com relação ao uso da categoria “família”, que entre eles tem uma aplicação meticulosa e, entre animais e vegetais, é usada de modo um tanto eventual, mormente entre os vegetais. O tratamento especial para os peixes deve ser visto dentro de um conjunto de concepções que os aproxima do homem, uma vez que ambos compõem a articulação que liga mar e terra.

A ordenação nativa apresenta ainda um apreço pela constituição de tipologias, segundo as quais os seres incluídos em cada classe devem apresentar o maior número possível de traços característicos para, assim, poderem ser identificados. Ao lado desta disposição essencialista, baseada sobretudo no formato e aspecto geral da aparência externa, podem ser observados englobamentos “situacionais” entre as classes, de modo que rótulos atribuídos segundo essências são articulados por um tipo de “hierarquia” de oposição complementar, cujos termos se relacionam de maneiras diversas, segundo o contexto de referência. Este entendimento “hierárquico” se afasta consideravelmente daquele mantido pela taxonomia biológica atual, que se estabelece uma subordinação, inclusive entre as categorias.

Os pescadores levam em questão, para a formulação dos seus sistemas classificatórios não só os caracteres estéticos dos seres, mas também, outras dimensões que incluem os usos, as propriedades, as relações “simpáticas” possivelmente estabelecidas, enfim, tudo o que é percebido e sabido sobre um animal ou planta, que os vincule à sociedade; nas palavras de Foucault, a “semântica” do ser. Nesta alternativa de ordenação, transparece o seu objetivo de organizar o mundo em função dos homens que dele “se servem”. O homem é uma criatura como todas, mas com o distintivo de ter sido a única feita à imagem e semelhança do Criador. Nesse sentido, ele pode ocasionalmente se investir dos atributos divinos e, então, tudo deve estar preparado para que suas vontades sejam satisfeitas.

Embora a mencionada visão holista, juntamente com um tipo de ordenação baseada em tipologias e critérios, que ocasionam a incorporação da “semântica” às classes ordenadoras (além do revestimento antropocêntrico que se observa subjacente ao exercício de organização do mundo), aproximem a lógica estruturadora das concepções nativas daquela detectada entre os primeiros naturalistas e pensadores modernos, há um abismo entre as duas formulações, que tudo indica ter sido fundamental para a constituição da segunda visão em entendimento “científico” da realidade. Em outras palavras, os pescadores articulam seu conhecimento acerca da natureza a partir de dois movimentos: o de estender a ela as suas próprias capacidades intelectual e volitiva e a de aceitar alguns de seus fenômenos como indecifráveis, constituindo os mistérios, que preferem admirar a desvendar. Segundo Foucault, a possibilidade de surgimento da Biologia aconteceu a partir da abstração da noção de vida. Além disso, um outro fator amadureceu durante os séculos em que estudiosos estiveram determinados a alcançar uma lógica natural, isto é, a idéia de que o homem é apenas uma versão, e não um padrão na natureza. Este gradual questionamento do antropocentrismo parece ter tido grande influência no processo de construção do novo modo de conhecimento que surgia.

As grandes diferenças que opõem a concepção “científica” – intelectualista e voltada para uma construção de um saber repousado sobre a “objetividade”, da nativa – holista e totêmica, não ofuscam o que ambas podem manter de comum, visto que, voltando a Lévi-Strauss (1976), não só compartilham de critério exterior, mas também respondem à “exigência de ordem que está na base (...) de qualquer pensamento humano”.

DUMONT, L. 1966. *Homo Hierarchicus*. Paris, Gallimard.

LÉVI-STRAUSS, C. 1976. *O pensamento selvagem*. Rio de Janeiro, Cia. Editora Nacional.

_____. 1978. “O totemismo hoje”. In: *Lévi-Strauss*. São Paulo, Abril Cultural. (Coleção “Os Pensadores”)